

# Um olhar bakhtiniano sobre a linguagem e o autismo: um estudo de caso

## A bakhtinian perspective of language and autism: a case study

## Una mirada bakhtiniana sobre el lenguaje y el autismo: un estudio de caso

*Isabela Vinhas Nascimento\**  
*Marcus Vinicius Borges Oliveira\**

### Resumo

**Introdução:** O Autismo, atualmente denominado como Transtorno do Espectro Autista (TEA), é uma condição que intriga diversos estudiosos e pesquisadores, desde os primeiros relatos realizados por Kanner e Asperger na década de 40. Considerando que uma das principais características recaem sobre a dificuldade de interação, este estudo parte da análise de um caso clínico de um sujeito autista como objetivo de compreender o modo singular como o sujeito e seu interlocutor se situam na interação dialógica. **Métodos:** O sujeito da pesquisa é um garoto de 7 anos de idade que teve diagnóstico de autismo leve aos dois anos de idade, e esteve em atendimento no Centro Docente Assistencial da Universidade Federal da Bahia. Os recortes dialógicos presentes no prontuário de atendimento foram estudados a partir de uma perspectiva teórica de caráter bakhtiniano que elege o enunciado, sempre situado historicamente, como unidade de análise. **Discussão:** A partir da análise dos dados foi possível ver uma criança que, dentro de suas condições, assume o papel de sujeito, entendendo que este está totalmente imerso na linguagem e que, portanto, mobiliza diferentes recursos linguísticos para atingir seu intuito discursivo. **Conclusão:** Por fim, este estudo propõe um reposicionamento na forma como a Fonoaudiologia tem tradicionalmente olhado sobre sujeito autista, não como dado ou pronto, mas singular, pleno de possibilidades e potencialidades.

**Palavras-chave:** Autismo; Fonoaudiologia; Linguagem

### Abstract

**Introduction:** Autism, currently referred to as Autism Spectrum Disorder (ASD), is a condition that has intrigued scholars and researchers since its earliest reports by Kanner and Asperger in the 1940s. Given

\* Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia, Brasil

### Contribuição dos autores:

IVN contribuiu com a concepção do estudo; metodologia; coleta de dados; esboço do artigo e revisão crítica  
MVBO contribuiu com a concepção do estudo; metodologia; esboço de artigo; revisão crítica; orientação

**E-mail para correspondência:** Dr. Marcus Vinicius Borges Oliveira [marcus.oliveira.fono@gmail.com](mailto:marcus.oliveira.fono@gmail.com)

**Recebido:** 21/05/2018

**Aprovado:** 14/10/2018

that one of its main traits is related to difficulties with interaction, this study begins with an analysis of a clinical case of an autistic subject in order to understand the unique way in which he and his interlocutor locate themselves in dialogic interaction. **Methods:** The research subject is a 7-year-old boy who has had a diagnosis of mild autism since the age of two, in attendance at the Speech, Language and Hearing Welfare Centre at the Federal University of Bahia (*Centro Docente Assistencial de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia*). The dialogue excerpts present in his attendance chart were analyzed from a Bakhtinian theoretical perspective, which addresses the, always historically located, utterance as a unit of analysis. **Discussion:** Based on our data analysis, it was possible to see a child who, within the limits of his condition, assumes the role of a subject, understanding that he is totally immersed in language and that he, therefore, mobilizes different linguistic resources in order to achieve his discursive intention. **Conclusion:** Finally, this study proposes a repositioning of the way in which Speech, Language and Hearing Services have traditionally viewed autistic subjects, moving from the given or ready-made, towards the singular, full of possibilities and potential.

**Keywords:** Autism; Speech, Language and Hearing Sciences; Language

## Resumen

**Introducción:** Autismo, actualmente conocida como Trastorno del Espectro Autista (TEA) es una condición que intriga a muchos académicos e investigadores, ya que los primeros informes realizados por Kanner y Asperger en los años 40. Dado que las principales características caen en la dificultad de interacción, este estudio es el análisis de un caso clínico de un sujeto autista tuvo como objetivo comprender la forma única en el sujeto y su partido están en la interacción dialógica. **Métodos:** El tema de investigación es un niño de 7 años de edad que tiene diagnóstico de autismo leve desde dos años, que se reunieron en la asistencia a “Centro Docente Assistencial de Fonoaudiología en la Universidade Federal da Bahia”. Hendiduras dialógicas presentes en la asistencia de registros médicos fueron estudiados desde una perspectiva teórica de carácter Bajtín que elige a la declaración, siempre situado históricamente como la unidad de análisis. **Discusión:** Del análisis de los datos fue posible ver a un niño que, en su condición, asume el papel de sujeto, entendiendo que éste está totalmente inmerso en el lenguaje y por lo tanto moviliza diferentes recursos del lenguaje para lograr su orden discursivo. **Conclusión:** Por último, este documento propone un reposicionamiento en los ojos de la Fonoaudiología en sujetos autistas, no como dado o hecho, pero singular, lleno de posibilidades y potencial.

**Palabras claves:** Autismo; Fonoaudiología; Lenguaje

## Introdução

O autismo é uma condição clínica que intriga diversos estudiosos e pesquisadores, desde os primeiros relatos realizados por Kanner e Asperger na década de 40. Sua definição, bem como seu diagnóstico e classificação vêm se modificando com o passar dos anos, sendo sua denominação atual, no manual diagnóstico DSM V, de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O Transtorno do Espectro Autista compreende transtornos que, antes dos DSM-V, eram denominados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desin-

tegrativo da infância e transtorno de Asperger<sup>1</sup>. Atualmente, são realizadas distinções de acordo com o nível de gravidade em relação à interação e comunicação. Passou-se de distintos quadros acima listados para um quadro único subdividido em três níveis de gravidade. A graduação da gravidade é assim descrita: 1. Exigindo apoio; 2. Exigindo apoio substancial e 3. Exigindo apoio muito substancial<sup>1</sup>.

O autismo infantil tem sido considerado uma das patologias da primeira infância mais estudadas da última década, isso devido aos importantes prejuízos para a vida social decorrentes desse transtorno<sup>2</sup>. É caracterizado, historicamente, pela tríade descrita nos manuais diagnósticos: isolamento social, distúrbio de comunicação verbal e não-verbal e repetição de movimentos e de fala com início ainda na primeira infância<sup>2</sup>.

A natureza exata dos problemas de linguagem no autismo ainda é pouco compreendida e a grande variabilidade de manifestações tem dificultado uma categorização clínica do quadro. De maneira geral, é descrita como sendo marcada por: inversão pronominal, ecolalia e por dificuldades no uso funcional da linguagem. No Autismo há uma pessoa que se apresenta através de uma linguagem marcada por faltas, ora no mutismo ora na fala estereotipada, que emerge como sujeito, mas que não é percebido como tal<sup>3</sup>.

Com relação à ecolalia, Fernandes<sup>4</sup> afirma que esta corresponde à repetição de palavras ou expressões ouvidas anteriormente. Na criança autista essa repetição pode ser imediata ou tardia, literal ou mitigada, a entonação pode ser reproduzida ou não e ela pode ocorrer de forma mais ou menos relacionada a contextos específicos<sup>4</sup>.

De acordo com Delfrate et al<sup>5</sup>, como as estruturas gramaticais podem ser imaturas, o uso de estereotípias e repetições constitui muitas vezes uma linguagem metafórica. Evidenciam-se também alterações na estrutura do discurso, inadequação no uso da prosódia, desvios das normas gramaticais e dificuldades na manutenção de tópicos. De acordo com os autores, a criança com autismo pode também apresentar dificuldades no uso funcional da linguagem, seus enunciados não são contínuos e ela tem dificuldade em engajar uma conversa, em fornecer informações e, principalmente, em expressar suas ideias.

Até agora, descrevemos sinais que, dentro de uma literatura especializada sobre o tema, caracterizam o autismo como uma entidade nosológica definida. Entretanto, será que podemos ver os sujeitos autistas somente nas suas características que os identificam, mas não naquelas que os tornam singulares? Bordin<sup>6</sup>, ao acompanhar longitudinalmente uma criança autista, revela que somente indo além das características previamente estabelecidas e esperadas se tornou possível conhecer um “sujeito funcionando linguisticamente e não mais como um sintoma de uma patologia”<sup>6</sup>. E, para isso, a autora afirma que há a necessidade de olhar diferente para esses sujeitos e para as suas falas atribuindo-lhes, dessa forma, sentidos que também são diferentes.

Sendo assim, ponderamos que é imprescindível considerar as singularidades, possibilidades e potencialidades desses sujeitos, partindo do pressuposto que os sujeitos autistas, assim como

os demais, são constituídos pela e na linguagem, nas práticas dialógicas e sociais.

O autismo, embora possa ser visto como uma condição patológica, também deve ser encarado como um modo de ser completo, uma forma de identidade profundamente diferente<sup>7</sup>. Isso quer dizer que, embora existam inúmeras manifestações clínicas semelhantes em cada quadro, tais sinais se constituem dentro de uma dinâmica única e singular que se articula ao modo de ser que é peculiar a cada sujeito. Também implica dizer que um mesmo sujeito autista pode se manifestar de diferentes formas perante o mundo, a linguagem e o outro. Porém, o olhar tradicional, organicista e biologizante, que subjaz os protocolos diagnósticos sobre o autismo, limita a grande maioria dos familiares e profissionais que convivem com o sujeito autista.

Da mesma maneira que Bordin<sup>6</sup>, contrapondo-se a uma visão tradicional, organicista e patologizante<sup>1</sup>, marcada substancialmente pelas dificuldades e pelo que a criança autista não consegue fazer, este estudo propõe compreender o modo particular de funcionamento da linguagem, conhecendo como um sujeito autista mobiliza os recursos expressivos da língua em situações historicamente situadas de uso efetivo da linguagem, buscando compreender o caráter diferenciado de seu posicionamento no mundo.

Assim, este artigo parte de outros pressupostos teórico metodológicos, essenciais para situar a análise e discussão dos dados, fundamentados em alguns autores que estão em consonância com a perspectiva histórico cultural, com ênfase no pensamento bakhtiniano. Para o Círculo de Bakhtin<sup>2</sup>, a linguagem não pode ser tomada nem de

1. O trabalho de Bordin<sup>6</sup> se insere dentro da corrente de estudos da Neurolinguística Discursiva (ND), de acordo com a autora “São objetivos da Neurolinguística Discursiva os estudos dedicados aos processos linguísticos (fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos), sendo o discursivo tomado como a forma na qual a linguagem se apresenta, ou seja: indeterminada, heterogênea, histórica, socialmente construída e vivida. Interessa à ND estudar, tanto na criança quanto no adulto, a relação entre língua, linguagem, cérebro/mente, praxia/corpo, percepção, pensamento, memória, em contextos da normalidade e da patologia, compreendendo o que caracteriza uma e outra. A interlocução entre sujeitos, a reversibilidade de papéis discursivos, a relação dialógica, configuram o espaço de acontecimento da prática clínica da ND”.

2. Estamos cientes da intensa discussão sobre autoria dos trabalhos, mesmo sobre a existência de um círculo que seja “de Bakhtin”. De maneira geral, assumimos a postura de valorizar a existência de um Círculo, ainda que respeitando as singularidades

maneira abstrata, posição que autor denomina como objetivismo abstrato e nem de maneira holística, posição denominada como subjetivismo idealista, a concepção de linguagem expressa pelo círculo está profundamente influenciada pelas discussões do momento histórico que viviam, que consistiu em propor uma filosofia da linguagem que dialogasse com uma perspectiva dialógica.

Esta perspectiva considera que o sujeito sempre está situado em determinado momento sócio-histórico, dentro de uma cultura de que faz parte. Desta forma, não podemos jamais considerar o sujeito como dado ou pronto, e sim como um sujeito em continuidade, inacabado. Em consonância com este pensamento, de acordo com Geraldi<sup>8</sup>:

Neste sentido, o sujeito é social já que a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros e com os outros que ela se constitui. Também não há um sujeito dado, pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas<sup>8</sup>.

O mesmo autor refere que a língua:

Não está de antemão pronta, dada como um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la segundo suas necessidades específicas do momento de interação, mas que o próprio processo interlocutivo, na atividade de linguagem, a cada vez se reconstrói<sup>8</sup>.

Para chegar a tal conclusão sobre a relação entre língua e linguagem, Geraldi<sup>8</sup> adotará a concepção de linguagem descrita por Carlos Franchi<sup>9</sup>:

Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos “cortes” metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal, salvo o processo – a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que dá forma ao conteúdo de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do “vivido” que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre

ridades e interesses de cada membro. Justificamos o fato do Círculo ser considerado “de Bakhtin” dado o grupo se reuniu regularmente por mais de dez anos e que a denominação lhe foi atribuída a posteriori, de acordo com Faraco<sup>10</sup>, a escolha de Bakhtin é justificável pois “de todos foi ele que produziu, sem dúvida, a obra de maior envergadura”.

a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo<sup>9</sup>.

Desta forma, ao considerar a linguagem como um trabalho conjunto, de natureza dialógica, que pressupõe a existência de um “outro”, damos relevância à força criadora da linguagem, que só pode existir dentro de um sistema que a comporte, portanto, não encerrado em si. Passamos a eleger, apoiados em Bakhtin<sup>11</sup>, como unidade de análise, o *enunciado* de que a língua participa indissociavelmente em situações dialógicas efetivas. Ao entender que o enunciado se define por uma alternância, seja ela imediata ou não, também trabalharemos com o conceito de diálogo, aquele que tradicionalmente equivale à troca conversacional, como situação de uso concreto da linguagem. Isto não significa que o conceito de diálogo se restringe apenas a este momento face a face, a noção de diálogo não se encerra no encontro de interlocutores, mas abre-se à cadeia discursiva que vai além do momento presente:

O objeto do discurso de um locutor seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências. Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear<sup>11</sup>.

Da mesma forma, diálogo não deve ser aqui interpretado como no senso comum, sendo uma espécie de apaziguamento, ou “concordância entre as partes”, mas também, de momentos de ajustes, negociações.

Uma outra forma de ampliar o escopo daquilo que consideramos diálogo é dizendo que, segundo Del Ré et al.<sup>12</sup>, as relações dialógicas entre sujeitos são constitutivas da subjetividade da criança, subjetividade esta que se produz em atividades languageiras<sup>12</sup>. É dentro desta concepção de linguagem enquanto lugar de constituição do sujeito, de possibilidades e singularidades, que mobilizamos os conceitos bakhtinianos<sup>3</sup> que contribuem para a

3. A aproximação do pensamento bakhtiniano com questões relacionadas ao funcionamento da linguagem e à relação entre o normal e o patológico, mas especificamente nas afasias, pode ser encontrada nos trabalhos de Novaes Pinto<sup>13</sup>. Ainda que este

desnaturalização de um olhar patologizante sobre o autismo.

Com base no exposto, o presente estudo objetiva descrever o modo particular como o sujeito e seu interlocutor (neste caso a estagiária de Fonoaudiologia que conduziu o caso) se situam na interação dialógica.

## Método

Este estudo se fundamenta na análise de prontuário de um caso clínico específico de um sujeito autista escolhido em decorrência das possibilidades dialógicas de análises observadas pelos autores.

Os dados foram recortados de um total de 17 sessões, tendo aproximadamente 40 minutos de duração cada uma, registradas em áudio. Os dados compilados foram observados sistematicamente e convertidos em notas de trabalho hierarquicamente organizadas. A partir dessas notas de trabalho os dados foram recompilados, transcritos e selecionados de acordo com a representatividade e pertinência aos conceitos abordados teoricamente. De maneira coerente com essa abordagem, os dados foram submetidos à análise microgenética<sup>4</sup>.

O trabalho foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia com número do Parecer: 1.809.383. O sujeito da pesquisa foi uma criança identificada com o pseudônimo de Z.

Z. é um garoto que possui diagnóstico de autismo leve desde os dois anos, encontrou-se em atendimento no Centro Assistencial Docente de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia de janeiro a junho de 2016, período que compreende um semestre letivo na clínica escola. Foi utilizado, como fonte de dados, o prontuário da criança atendida. A forma de coleta dos dados ocorreu através da leitura dos registros do prontuário, que contém entrevista inicial, relatórios de avaliação, as gravações e transcrições das sessões de avaliação

trabalho não trate de afasia, ele recebe forte influência da autora pela aproximação com um fazer responsável subsidiado pelo Círculo de Bakhtin.

4. Trata-se de uma análise que possibilita revelar processos enunciativo-discursivos. Essa análise não seria micro em referência à duração dos eventos, mas sim pela sua atenção às minúcias indiciais – pistas, signos de aspectos relevantes de situações que podem ser típicas ou atípicas (não apenas prototípicas)<sup>4</sup>.

e terapia fonoaudiológica. A seleção dos recortes dialógicos se deu a partir do escopo teórico metodológico adotado, em que, após a leitura de todos os dados, foram selecionados aqueles considerados mais relevantes para o texto, dentro do referido período acima, todos os dados que haviam sido transcritos no prontuário foram analisados em áudio e transcritos novamente pelos autores.

Z. Iniciou o atendimento fonoaudiológico com 7 anos e 10 meses e neste permaneceu por apenas 5 meses, por questões particulares da família. Na data do último atendimento ele estava com 8 anos e 3 meses. Os atendimentos ocorriam uma vez por semana, sendo realizados individualmente e em grupo com outras crianças da mesma faixa etária e com alterações de linguagem variadas.

Na época em que estava em atendimento somente o pai da criança trabalhava, a mãe havia deixado de trabalhar para se dedicar aos cuidados com o filho. De acordo com os dados do prontuário, a mãe relata que Z. foi uma criança desejada e planejada, sendo o único filho do casal. Relata também ter tido uma gestação tranquila, sem intercorrências e que realizou todos os exames pré-natais. Porém a gestação foi prolongada, pois não entrou em trabalho de parto naturalmente, sendo então necessária a realização de um parto cesariana quando estava com 43 semanas de gestação.

Z. é descrito como uma criança que gosta bastante de aparelhos eletrônicos como tablet e celular, adora navegar na internet, gosta também de livros, de músicas (sendo que ouvia algumas músicas em inglês) e de tirar fotos. De acordo com relatos dos pais registrados em prontuário, Z. gosta de brincar, mas muitas vezes prefere brincar sozinho. No entanto, durante os atendimentos em grupo, Z. interagia e brincava com as outras crianças.

Inicialmente, Z. passou pelo acolhimento<sup>5</sup>, em janeiro de 2015, e os pais traziam a queixa de que ele não falava quase nada, apenas palavras isoladas, consideravam-no uma criança indefesa, apresentando comportamento inadequado para a idade. Trouxeram que o filho tem o diagnóstico

5. O acolhimento é a porta de entrada preferencial do serviço. Nele são realizadas entrevistas iniciais e breves avaliações com o paciente objetivando conhecer o caso, identificar se esse sujeito apresenta demanda para o serviço, além de dar os encaminhamentos e as orientações necessárias. Após a passagem pelo acolhimento, o sujeito é colocado em uma lista de espera do estágio supervisionado que atenderá melhor a sua demanda e surgindo uma vaga ele iniciará o atendimento fonoaudiológico.



de Autismo em grau leve e que este foi dado pela médica que o encaminhou para o serviço. Também é descrito pelos pais como uma criança “brincalhona”, porém com dificuldades para se relacionar com o outro e também para se expressar. No período em que passou pelo atendimento fonoaudiológico, Z. cursava o 1º ano do ensino fundamental em uma escola inclusiva e estava em processo de aquisição da linguagem escrita.

Ainda durante o acolhimento, de acordo com dados colhidos do prontuário, a criança foi diagnosticada com Atraso de desenvolvimento da linguagem, sendo sua linguagem descrita como:

Apresenta oralidade, porém com vocabulário deficiente para a idade; dificuldade para estruturar sentenças, bem como dificuldade para relatar fatos e acontecimentos vividos; narrativa truncada e acompanhada por gestos e fala ininteligíveis em algumas situações; apresentava nível de compreensão maior que a de produção, sendo suas produções constituídas de repetição da fala do outro, porém com entonação diferente; fala composta por frases curtas, utilizando substantivos, verbos e adjetivos de maneira incoerente, não fazendo uso de pronomes, conjunções e preposições; sem alterações ao nível fonético/fonológico.

Quando convocado para o início dos atendimentos em janeiro de 2016, foi realizada uma nova avaliação fonoaudiológica de linguagem com a criança, e de acordo com dados colhidos do prontuário do paciente esta demonstrou que:

A criança possui dificuldades de interação e de estar com o outro; costuma falar palavras isoladas ou frases curtas, porém dentro do contexto da brincadeira; necessita ser convocado para falar, ou seja, inicia poucas vezes os turnos de conversação durante as sessões de atendimento; possui repetições imediatas da fala do outro, porém com uma entonação diferente.

De acordo com registros da estagiária responsável pelos atendimentos de Z. no período deste

trabalho, ele é uma criança quieta e tranquila, que, apesar da dificuldade de interação adorava brincar com miniaturas de animais e teatrinho com fantoches durante as sessões. A criança permitia a entrada da estagiária nas brincadeiras mais simbólicas e quando eram levados brinquedos representativos de animais, costumava fazer onomatopeias de cada um deles. Utilizava-se de gestos como um recurso significativo eficiente, em alguns momentos se levantava e se movimentava diversas vezes pela sala de atendimento, principalmente quando concluía uma atividade que ele mesmo iniciou. Uma característica marcante destacada pela estagiária é a manutenção do olhar, que no início dos atendimentos era quase inexistente e se tornou cada vez mais frequente com o decorrer das sessões.

Os atendimentos que ocorrem na clínica escola citada podem acontecer com diferentes profissionais, o que demarca diferentes olhares e perspectivas teóricas que nem sempre estão explícitas nos prontuários. Neste caso, podemos perceber, por exemplo, um distanciamento entre o acolhimento e o atendimento que ocorreu no período que recortamos para este trabalho. Este trabalho não tem como objetivo realizar um confronto e/ou comparação entre as perspectivas do atendimento em questão, contudo, a utilização dos recortes dialógicos transcritos presentes no prontuário de atendimento do paciente nos leva a diferentes possibilidades terapêuticas, que acreditamos ser um ponto importante de reflexão dentro da clínica fonoaudiológica.

## Discussão

Conforme veremos adiante, tomar o diálogo como lugar de constituição do sujeito tem implicações fundamentais na clínica fonoaudiológica. Passemos agora à análise de um recorte dialógico entre a estagiária (representada por E.) e Z. (representado por P.) em que estas questões estão diretamente implicadas:

**Quadro 1.** Recorte Dialógico 1 - 17/02/2016

<b>Cena enunciativa:</b> Z. entra na sala de atendimento, se interessa pelos animais que estão dentro do balde, começa a tirá-los e colocar em cima da mesa, a estagiária então chama-o para sentar no chão.			
<b>Linha</b>	<b>Locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Condições de produção do enunciado</b>
27	E	Esse aqui tá parecendo o que? É um tigre né?	Mostra a miniatura do animal para a criança.
28	P	( )	(Silêncio) Z. não responde e brinca sozinho.
29	E	...	Estagiária continua tentando interagir com a criança, falando dos animais.
30	P	Auauau	A criança pega um cachorro e faz uma onomatopeia.
31	E	É o que isso que você tá fazendo? é um cachorro?	
32	P	auauauau	Faz onomatopeia do cachorro.
33	E	Aah é um cachorro! E o gatinho? Não tem gato aqui não?	Com ar de surpresa
34	P	( )	(Silêncio) Z. não responde e continua brincando sozinho.
35	E	...	Estagiária continua tentando interagir com a criança, falando dos animais e mostrando.
36	P	( )	(Silêncio) Z. não responde e continua brincando sozinho.
37	E	Ô uma ovelha.	Mostra o bichinho para a criança.
38	P	Bêêêêê	Faz onomatopeia da ovelha.
39	E	Ééé isso mesmo rapaz! Uma ovelha.	
40	P	( )	(Silêncio) Z. não responde e volta a brincar sozinho.
41	E	...	Estagiária continua tentando interagir com a criança, falando dos animais.
42	P		Faz um gesto com as mãos que está com calor.
43	E	Tá calor né? Tira o boné. Senta aqui. Pode sentar.	Estagiária pega o boné da criança.
44	P	Roarroatroar	Faz referência ao leão que está segurando.
45	E	Huuuumhuuuuum	Faz referência de que vai pegar um brinquedo.
46	P	Não não não.	
47	E	Aah é para ficar junto? Eu não sabia que era para ficar junto.	
48	P	( )	(Silêncio) Z. não responde e continua brincando sozinho.
49	E	Posso sentar do lado aqui?	
50	P	Bêêêêê Bêêêêê	Faz referência ao som que o bode faz segurando-o em suas mãos.
51	E	...	Estagiária continua tentando interagir com a criança, falando dos animais.
52	E	Roar roar	Pega o leão para 'atacar' o bode.
53	P	Bêêêêê	Fazendo uma onomatopeia para o bode.
54	E	...	Estagiária continua tentando interagir com a criança, falando dos animais.
55	E	Isso aqui é sua fazenda é?	
56	P	SI	Z. produz um segmento ininteligível.



No recorte apresentado acima, frente às solicitações da estagiária, Z. propõe uma forma de interagir por meio da produção de onomatopeias. Essa dinâmica entre paciente e estagiária é carregada de pressuposições que se relacionam tanto ao momento presente da enunciação quanto ao conhecimento compartilhado de ambos com relação à brincadeira.

Por exemplo, ao invés de nomear os animais, Z, no turno 30, propõe um outro tipo de interação. Ao perceber que Z. está dando voz às miniaturas dos animais, imediatamente a estagiária se ajusta aos turnos de Z, de tal forma que no turno 37 anuncia que encontrou uma ovelha; em resposta, Z. produz a onomatopeia correspondente, e no turno seguinte a estagiária reafirma que aquele som era mesmo de uma ovelha.

Eleger o enunciado como unidade de análise, dentro desta perspectiva bakhtiniana, torna-se fundamental neste tipo de análise, dado que se aplica até mesmo em expressões que não correspondem às unidades tradicionais da língua. O conceito de *enunciado* supera os problemas que são próprios das unidades desvinculadas da natureza *real* da linguagem, dado que o enunciado não pode existir fora de uma situação concreta e que se pauta pela alternância dos sujeitos falantes, mesmo que

dialogando com enunciados prévios ou respostas posteriores ao presente momento da enunciação<sup>13</sup>. Para Novaes Pinto, o conceito de enunciado está intimamente relacionado ao de *acabamento*, visto que a alternância dos sujeitos dentro de determinado diálogo faz com que cada réplica instaure a possibilidade de resposta do interlocutor, sendo assim, é este que direciona a totalidade de um enunciado.

Neste caso, as imitações dos sons dos animais conjuntamente com a intensidade e o prolongamento dos sons ganham significação dentro do diálogo. Ao mesmo tempo em que se estabelece uma brincadeira com os sons, o paciente marca que não gostaria que a estagiária pegasse um dos animais, utilizando-se da repetição “não, não, não” como uma marca de intensidade, o que leva a estagiária a tentar outro modo de aproximação.

Quando falamos de repetição no autismo, isto remete diretamente à ecolalia, porém não podemos simplesmente encarar a repetição como um sintoma de caráter patológico, como se a repetição não fizesse parte das possibilidades enunciativas da linguagem. No dado a seguir é notável a presença das repetições na fala de Z., no entanto, esta não é uma mera repetição de enunciados fora de contexto e sem intuito de interação, como veremos abaixo:





**Quadro 2.** Recorte dialógico 2 - 11/05/2016

Cena enunciativa: A estagiária começa a encenar com os fantoches juntamente com Z.			
Linha	Locutor	Transcrição	Condições de produção do enunciado
29	E	Vou lhe contar uma 'história' e você vai me dizer o que acontece no final! Uma vez uma menina foi para a floresta buscar o seu cachorro, quando chegou lá, ela não achou. Você acha que aconteceu o que com o cachorro dela?	
30	P	Cachorro dela.	
31	E	Aconteceu o que com o cachorro dela?	
32	P	Cachorro dela.	
33	E	Cachorro dela? Não entendi, aconteceu o que?	
34	P	É é é é é.	
35	E	É? Como assim?	
36	P	Como assim?	
37	E	Não...	Z. a interrompe.
38	P	Nada nada nada nada nada.	Z. está com um fantoche que possui cinco animais diferentes.
39	E	Aah, vocês cinco falam juntos?	Estagiaria percebe que a fala é referente aos fantoches.
40	P	É é é é é	Com entonação mais forte.
41	E	Uaau! Que coisa mais interessante, vocês falam juntos! Me digam qual é o seu nome?	
42	P	Homem homem homem homem homem.	
43	E	Todos são homens?	
44	P	É!	
45	E	Aaaaaah (ar de surpresa) meu Deus, que nome diferente. Homem, o que você faz aqui?	Com ar de surpresa.
46	P	Naada SI	Z. produz um segmento ininteligível.

Neste dado, inicialmente, a repetição das últimas palavras da estagiária (linhas 30, 32 e 36) leva a um entrave, dado que a resposta de Z. parece não se encaixar com o tipo de pergunta realizada. No entanto, se observarmos na continuidade do diálogo, perceberemos que a repetição também ocupa outro lugar no diálogo. Podemos destacar a presença singular da repetição nas linhas 38, 40 e 42, porém estas não são repetições imediatas da fala do outro; essas repetições também não produzem descontinuidade no diálogo, isso porque a estagiária as compreende e as atribui significados dentro da cadeia discursiva. Conforme a descrição da estagiária, nesta cena enunciativa, a criança faz uso de um fantoche em formato de luva que possui cinco animais diferentes. Nota-se, partindo das interpretações da estagiária, que as repetições representam as falas dos cinco personagens que compõe o fantoche tanto na linha 38, quanto na linha 40 e 42. Existe uma possibilidade que o turno

38 representa a resposta dos personagens à pergunta proferida pela estagiária em 29 e, reiterada nos demais turnos pela estagiária. No entanto, a forma como essa resposta foi enunciada surpreende a estagiária, o que podemos perceber no turno 39.

Este dado evidencia, como apontado por Bordin<sup>6</sup>, que nem todo repetir significa pedir novamente e que as características ditas patológicas são tão mutáveis como a linguagem. Para a autora<sup>6</sup>, as características classicamente descritas na literatura podem variar de acordo com o sujeito autista, já que existe uma enorme heterogeneidade entre as manifestações do autismo, o que corrobora com a ideia atualmente assumida de *espectro*. Além disso, sabemos que mesmo tratando-se de um mesmo sujeito, essas características nem sempre estarão presentes todo o tempo. De acordo com a autora, “há diversidade no funcionamento de linguagem de uma mesma criança autista que os manuais de diagnóstico descritos não alcançam”<sup>6</sup>.

Neste caso, a repetição serve como uma forma de dar voz aos personagens, cabendo à estagiária atribuir sentidos e ressignificar os enunciados singulares considerando o contexto em que os diálogos acontecem. Desconsiderar o contexto situacional, como ocorre dentro de teorias que tomam a língua unicamente como um sistema abstrato poderia levar a crer que estas repetições são sem sentido ou até mesmo patológicas.

A natureza dos movimentos discursivos e suas dimensões caracterizam a linguagem como o lugar não apenas do previsto, mas da surpresa, do conflito e do singular, do descontínuo, das diferenças. O sentido origina-se no conjunto das trocas linguísticas e no modo como elas modificam a situação<sup>15</sup>.

É importante considerar o viés clínico presente nesta interação. Este propicia a escuta própria e qualificada que sustenta a continuidade dialógica. Dentro da perspectiva bakhtiniana, de acordo com Ponzio<sup>16</sup>, a escuta seria a arte da palavra, as possibilidades de compreender para além dos significados, do conteúdo propriamente semântico. A arte da escuta não é exterior a palavra, no sentido que cada palavra contém em si as diferentes posições assumidas pelo interlocutor.

Já no recorte dialógico a seguir, fica evidente a importância da alteridade como constitutiva do diálogo, principalmente quando se considera os gestos, as repetições e os silêncios como significativos e se mantém uma postura de atribuir sentidos e ressignificar os enunciados do sujeito (E: estagiária e P: criança).

No início deste dado, a estagiária inicia o turno apresentando um quebra-cabeça da história de João e Maria. Contudo, já nos turnos seguintes, o paciente desloca-se para o posicionamento que tradicionalmente é ocupado pela estagiária, de quem conduz as perguntas. Este trecho do diálogo se mostra como assimétrico, ainda que direcionado por Z., que repete o questionamento por cinco turnos seguidos (“que isso?”), de forma semelhante ao que pode acontecer quando se aplicam testes de nomeação de figuras.

Podemos perceber, ainda neste trecho e em outros deste diálogo, que dentro de uma perspectiva clínica, a possibilidade de atribuir acabamento aos turnos discursivos do sujeito autista nem sempre se dá na totalidade e conclusibilidade dos turnos anteriores, dado que a própria possibilidade de aca-

bamento por parte do sujeito autista proporciona a continuidade do diálogo. Neste caso, a continuidade é provocada pelo fato de que o sujeito aponta para diferentes cenas do quebra-cabeça, o que gera respostas diversas por parte da estagiária. Somente nos turnos posteriores essa relação se inverte um pouco, principalmente depois da introdução do personagem da bruxa na história. Em boa parte destes momentos, Z. assume uma postura de silêncio. Percebe-se, a partir das análises de diferentes dados, dentre eles o ilustrado acima (linhas 32, 36 e 38), que em alguns momentos da interação verbal Z. se cala diante dos enunciados da estagiária. Esses momentos evidenciam, na grande maioria das vezes, que o silêncio não pode ser equiparado à ausência de som, ou pior, de diálogo, visto que a ausência de som é marcada por interpretação constante do outro.

Relembraremos aqui a crítica do círculo de Bakhtin aos esquemas de interação verbal que postulam o locutor como ativo na interação e o receptor como passivo. Para Bakhtin<sup>17</sup>, durante a interação verbal, o ouvinte, ao perceber o significado do discurso, ocupa uma ativa posição responsiva que não pode jamais ser desconsiderada.

No caso deste recorte dialógico, tantos os momentos de silêncio de Z. quanto os momentos em que produz enunciados em parte ininteligíveis (40, 42, 44) ganham interpretações diversas. Podemos relacionar estes momentos com o conceito de *compreensão responsiva*.

Para Bakhtin<sup>11</sup>, a compreensão de uma fala viva sempre exige uma atitude responsiva ativa, dado que *toda compreensão é prenhe de respostas*. Para o autor, mesmo que essa resposta não seja fônica e imediata, a compreensão responsiva pode suceder em uma ação ou mesmo permanecer muda em certos lapsos de tempo. Sendo assim, para o autor, a compreensão responsiva é fase preparatória de uma resposta, seja qual for a forma de sua realização.

Argumentamos aqui, que Z. se cala não se mostrando alheio aos enunciados que lhes são dirigidos pela estagiária; seu silêncio é responsivo na medida em que é interpretado e movimentado em enunciados da estagiária. Ressaltamos este movimento que culmina no turno 42, quando retoma o tema apresentado pela estagiária sobre a bruxa, para finalmente produzir a sua própria narrativa em torno da história.

**Quadro 3** - recorte dialógico 3 - 24/02/2016

**Cena enunciativa:** Z. e a estagiária estão montando o quebra-cabeça que contém três histórias. Z. faz diversas perguntas sobre as imagens do quebra-cabeça.

Linha	Locutor	Transcrição	Condições de produção do enunciado
21	E	Aqui é João e Maria.	
22	P	Quê que tá fazendo aí?	Aponta para a imagem do quebra-cabeça.
23	E	O que é que eles estão fazendo? Eles estão querendo entrar numa casa de doces. Não ta vendo aqui um monte de pirulito não?	
24	P	Que isso?	Aponta para a imagem do quebra-cabeça.
25	E	Aqui é uma rosca. Aquela rosquinha que a gente come. (pausa) Aqui é um pirulito.	
26	P	Que isso?	Aponta para a imagem do quebra-cabeça.
27	E	Isso aí é um marshmallow.	
28	P	O que isso?	Aponta para a imagem do quebra-cabeça.
29	E	Isso aqui é um guarda-chuva, um pirulito guarda-chuva, que parece uma bengalazinha... É um doce.	
30	P	O que isso?	Aponta para a imagem do quebra-cabeça.
31	E	Aqui é uma porta, não está vendo não? Aqui é um chocolate ó, uma barra de chocolate.	Apontando para as imagens.
32	P	( )	Silêncio.
33	E	Esse aqui... Eles querem entrar na casa de doces. Sabe o que tem dentro aqui dentro? Dessa casa? Uma bruxa! A bruxa quer pegar João e Maria. Você sabia?	
34	P	Você sabia.	
35	E	Sabia ou não sabia?	
36	P	( )	Silêncio.
37	E	Eu não sabia. Só fui saber a pouco tempo.	
38	P	( )	Silêncio.
39	E	Aqui é uma árvore... as flores... Você gosta de quebra-cabeça?	
40	P	( ) SI	Z. faz um breve silêncio e em seguida produz um segmento ininteligível.
41	E	O que?	
42	P	SI	
42	E	O que? Que tem aqui?	Z. começa a contar uma pequena história relacionando a imagem do quebra-cabeça de João e Maria (Neste momento a criança fala muito baixo e também produz seguimentos ininteligíveis de fala dificultando a transcrição do trecho).
43	P	SI	Z. produz um segmento ininteligível.
44	E	A bruxa comeu o que?!	Ar de surpresa
	P	SI	Z. continua a contar a história de João e Maria (A criança fala muito baixo e também produz seguimentos ininteligíveis de fala dificultando a transcrição do trecho).
45	E	A bruxa ia fazer o que com eles? Ia comer ele? Ia comer o quê? Doce?	
46	P	Não não doces.	

**Quadro 4.** Legendas das transcrições.

Sinais	Ocorrências
E	Estagiária.
P	Paciente.
( )	Silêncio.
...	Indicação de transição parcial ou de eliminação. O uso de reticências no início e no final de uma transcrição indica que se está transcrevendo apenas um trecho.
SI	Segmento Ininteligível.

## Conclusão

Buscamos neste trabalho analisar o modo particular como a criança e seu interlocutor se situam na interação dialógica bem como analisar, dentro da proposta teórico-metodológica delineada, os recursos expressivos mobilizados dentro dos diálogos. Isto é realizado a partir de um outro olhar, não focado nas limitações impostas pelo Transtorno do Espectro Autista e sim nas singularidades e potencialidades de Z., procurando entender como esse sujeito se coloca perante o mundo, a linguagem e o outro, ainda que, pelo próprio caráter do artigo, de maneira incipiente. Este é um artigo inicial, que busca apenas introduzir algumas questões e reflexões subsidiadas por uma perspectiva bakhtiniana que ainda carecem de maior aprofundamento.

A grande maioria dos que convivem com os sujeitos autistas já carrega um conceito prévio a respeito do que se esperar deles. Para muitos, é natural que estes sujeitos se manifestem apenas da maneira descrita nos manuais diagnósticos, não esperando que estes apresentem algo além do que já é descrito. Esta naturalização impede de perceber que estes sujeitos podem se manifestar de maneira diferente do pré-visto, destituído de sua singularidade.

Para isso, há a necessidade de se questionar a maneira como o sujeito autista é visto tradicionalmente pela Fonoaudiologia (e pela área da saúde em geral), é necessário se reposicionar quanto à avaliação e tratamento destes, indo de encontro ao que vem sendo descrito pelos manuais diagnósticos acerca da linguagem, que normalmente equivale à linguagem aos seus níveis de descrição e ao comportamento comunicativo destes sujeitos. Sendo assim, um reposicionamento do olhar fonoaudiológico somente é possível a partir de outra concepção de linguagem, esta que se alia à concepção de

sujeito, por natureza inacabado, sendo portanto, o que tentamos pontuar ao longo deste artigo.

Vale ressaltar que não esquecemos que se trata de um sujeito que possui um modo particular e especial de se posicionar perante o mundo, a linguagem e o outro, modo este diferente do esperado, o que o fez receber o diagnóstico de autismo. Não se trata de ignorar aquilo que é próprio do TEA, ou de não valorizar as especificidades que podem causar impacto na vida destes sujeitos, mas de ressaltar que o caráter não acabado com que caracterizamos o sujeito é também uma forma de valorizar suas potencialidades, de olhar para o horizonte de possibilidades.

Vimos aqui uma criança que assume o seu papel de sujeito, aquele que pergunta, responde, conta histórias, etc. Entendemos que este é um sujeito que está totalmente presente na linguagem e que para isso mobiliza diferentes recursos linguísticos para atingir seu intuito discursivo, alguns deles não valorizados no cotidiano, principalmente quando consideramos que vivemos em um mundo essencialmente logocêntrico<sup>18</sup>. Ao adotarmos o enunciado como unidade de análise buscamos dar visibilidade a composição do diálogo a partir de elementos tanto não-verbais quanto verbais, tais como gestos, silêncio, expressões, escolhas dos termos a serem utilizados, pausas, entonação, etc.

As clínicas tradicionais que atuam com a linguagem dos autistas tomam estes como sujeitos acabados e, a partir de uma perspectiva clínica pautada pela linguagem presente nos manuais terapêuticos, se propõe como oficial. Se tratando de uma sociedade logocêntrica como a nossa, pensar outra clínica pressupõe nos repensarmos na alteridade, no trabalho com a palavra viva e ambivalente<sup>19</sup>.

Neste sentido, a clínica fonoaudiológica de linguagem tem um papel fundamental na (re)inserção social do sujeito autista, por tratar dos aspectos

que são próprios da constituição do sujeito e de sua relação com o mundo. Como tentamos demonstrar no decorrer deste estudo, a linguagem não é apenas o lugar do previsível, como também do imprevisto e do singular. Vimos que o sentido dos enunciados singulares depende do contexto em que os diálogos acontecem, do conjunto das trocas linguísticas e de como elas remodelam a situação.

Relembramos que as falas ecológicas, gestos repetitivos e até mesmo o silêncio, são tradicionalmente percebidas e interpretadas como sintomáticas quando falamos de crianças autistas. No entanto, entendemos que estes “sintomas” devem ser encarados como parte de uma linguagem que precisa ser escutada, pois demonstram que estes sujeitos não se apresentam como autistas o tempo todo.

A partir das nossas reflexões e conclusões, tentamos apontar minimamente como o aporte teórico de caráter bakhtiniano pode contribuir para uma mudança nas práticas avaliativas e terapêuticas de linguagem de sujeitos com TEA. Esta mudança nos distancia das limitações previamente estabelecidas e nos faz olhar para as potencialidades dentro da linguagem e das práticas dialógicas e sociais.

## Referências bibliográficas

- Martins PG, Paul FM, Zachello C, Beckenkamp C, Steigleder BG (Colab.). Projeto Wikipedia Psicopatologia [homepage na internet]. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, outubro - 2015. [Atualizada em: Out 2015; Acesso em abril de 2016]. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php/O\\_espectro\\_do\\_autismo\\_no\\_DSM-V](http://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php/O_espectro_do_autismo_no_DSM-V).
- Bordin, SMS. Autismo Infantil: Repercussões na linguagem da criança e da terapeuta. In.: Coudry MIH, Freire FMP, Andrade MLF, Silva MA (orgs.). Caminhos da Neurolinguística Discursiva: Teorização e práticas com a linguagem. Campinas, SP: Mercado das Letras; 2010. p. 341-353.
- Barros IBR. Autismo e linguagem: discussões à luz da teoria da enunciação. *Distúrb. Comum.* 2011; 23(2): 227-232.
- Fernandes, FDM. A questão da Linguagem em Autismo Infantil, Uma revisão Crítica de Literatura. *Rev. Neuropsiq. da Infân. e Adole.* 1994; 2 (3): 05-10.
- Delfrate CB, Santana APO, Massi GA. A Aquisição de Linguagem na Criança com Autismo: Um Estudo de Caso. *Psicol. em Estu.*, 2009; 14 (2): 321-331.
- Bordin SMS. “Fale com ele”: um estudo neurolinguístico do autismo [Dissertação de Mestrado]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem; 2006.
- Sacks, O. Um antropólogo em marte. São Paulo (SP): Companhia das Letras; 1995.
- Geraldi JW. Linguagem e trabalho linguístico. In: GERALDI JW. Portos de passagem. 4ª ed. São Paulo (SP): Livraria Martins Fontes Editora Ltda.; 1997. p. 1-27.
- Franchi, C. Linguagem – Atividade constitutiva. *Cad. Est. Ling., Campinas, Jan./Jun.* 1992; (22): 9-39.
- Faraco, CA. Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- Bakhtin, M. Estética da Criação Verbal. 2. ed. São Paulo (SP): Martins Fontes; 1997.
- Del Ré A, De Paula L, Mendonça MC. Aquisição da linguagem e estudos Bakhtinianos do discurso. In: Del Ré A, De Paula L, Mendonça MC (Orgs.). A linguagem da criança: um olhar bakhtiniano. São Paulo: Editora Contexto, 2014. p. 17-30.
- Novaes-Pinto, RC. A adoção de conceitos bakhtinianos para a análise de linguagem de sujeitos afásicos. *Estudos da Língua(gem)*, 2004; 1, p. 111-148.
- Góes MCR. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. In: *Cadernos Cedes*, ano XX. 2000.
- Marchezan RC, Falasca P, Bueno RG. Aquisição/Aprendizagem de língua estrangeira e as contribuições Bakhtinianas. In.: Del Ré A, De Paula L, Mendonça MC (Orgs.). A linguagem da criança: um olhar bakhtiniano. São Paulo: Editora Contexto, 2014. p. 95 –111.
- Ponzio, A. Procurando uma palavra outra. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- Bakhtin, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6 ed. São Paulo: Hucitec, [1929] 2006.
- Oliveira, MVB. Palavras na Ponta-da-lingua; Uma abordagem neurolinguística. [Tese] Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem; 2015.
- Oliveira MVB, Nascimento IV. Clínica, linguagem e autismo: uma perspectiva bakhtiniana. In: VII CÍRCULO – Rodas de Conversa Bakhtiniana: literatura, cidade e cultura popular. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016; p. 977-81.